C. Lúcio de Carvalho

A Cowada

Est. 3
Filo E

1104

1104

comp.

1929

94

777

Revista do Museu Paulista
Tomo XVI
1929

Nº 1104

C. LIVINIO DE CARVALHO

A COUVADA

(1929)

1104

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

04

AmM
0258

A COUVADA

Couvada, do francês "couvade", de "couver, cubare", latino.
O português não possue equivalente desse termo hoje havido por technico e, por isto, me cingi a dar-lhe terminação vernacula. (1).

Em nosso paiz a tradição generalisou o conhecimento de uma curiosa pratica dos nossos selvagens. Todo o mundo já ouviu dizer que entre os tupinambás, guaranys e outros, quando a mulher paria, o marido lhe tomava o leito e se punha a cuidar mimosamente da creança, a receber agrados e parabens dos conhecidos e parentes emquanto a parturiente diligenciava obter e preparar o alimento commum, e cumpria os demais encargos domesticos. A primeira vista parece que essa exquisitice é méra demonstração da astucia e preguiça daquelles incolas. Fixando, porém, nella a attenção, ninguem se furta á extranheza proveniente de sua existencia entre povos distanciados e remotissimos.

Como? pois essa cousa idiota de ir o homem chocar (*couver*) o filho recemnascido provem de alguma razão importante, capaz de geral-a, ou fazel-a seguir entre gentes varias do universo?

---

(1) O leitor desejoso de melhor conhecer o assumpto procure as obras seguintes, que, sobre outras, me serviram de fonte e contêm vasto indice bibliographico: — Encyclopedia Britanica, V. Couvade e Jurisprudencia; Dr. R. R. Schuller, in Boletim do M. Goeldi, vol. VI; Charles Vérecque, Hist. de la Famille.

Leio em Ch. Vérecque:

« O poeta grego Apollonio, que viveu dois seculos antes de Christo, conta na sua narrativa da expedição dos argonautas, que as mulheres do Ponto Euxino davam á luz seus filhos com a participação dos maridos, os quaes se acamavam, soltavam gritos agudos, embrulhavam a cabeça e faziam a parturiente lhes servir banhos e alimentos delicados ».

Trata-se de Apollonio de Rhodes, poeta e grammatico grego, que nasceu cerca de 250 annos antes da era christã e escreveu uma epopea sobre a expedição dos argonautas.

Ao que parece, esta é a mais antiga refereneia feita á couvada.

Seguem-se em ordem chronologica Strabão e Deodoro da Sicilia, — ambos do final do primeiro seculo anterior á éra actual.

Strabão, geographo, philosopho e historiador em sua « Geographia », referiu a existencia do curioso cerimonial entre os bascos habitantes da Iberia.

E' de notar que Quatrefages, nos seus — « *Souvenirsdun Naturaliste* » confirma a velha informação do historiador grego.

Deodoro da Sicilia encontrou a pratica na ilha da Corsega.

Plutarco (Sec. I — II) observou-a na ilha de Chypre.

Marco Polo (Sec. XIII — XIV) viu-a no Turkestão chinês.

G. Schoutten, cirurgião hollandez, descobriu-a entre os da ilha Burú, nas Molucas, Oceania, e escreveu — « o marido nesse momento, se declara doente e deixa se acariciar, da maneira a mais ridicula. Durante esse tempo a pobre mulher por fraca que seja, é obrigada a fazer todo o trabalho e preparar alimentos delicados para o marido afim de que elle readquira suas forças e se possa levantar « Voyage aux Indes Orientales. »

O cap. Van der Hout, em 1680, comprovou a descripção de Schoutten. Meyners d'Eshey disse: — « Em Biscaya a mãe se ergue logo após o par-

to e retoma suas occupações diarias na casa, emquanto o pae se mette na cama com a creança nos braços e assim recebe as felicitações dos amigos e visinhos » (Revue Scientifique, 1890, 2.º Semestre)

Vérecque assegura que antes da Revolução a couvada era vista no meio dia da França, perto do Mediterraneo e dos Pyrineus.

Ernest Martin (Rev. Scient. 1.º Semestre de 1894) declara terem-lhe affirmado, que na China, na região do Yunnan, faziam a mesma cousa.

Assignalam-na, afinal, em innumeros outros logares, como na Groelandia, no Zuy-der-Zêe, na ilha Marken, etc.

*
* *

As Americas não são alheias ao exotismo.

Breet, estudando os indigenas das Guayanas, aponta-o entre os Acawás e, tambem, entre os caraibas. Conta este autor : — « Tive occasião de observar este costume ; um homem de excellente saude repousa em uma rede cercado de mulheres, que tomam com elle todos os cuidados imaginaveis, emquanto a parturiente trata da cosinha sem que os presentes lhe dêm attenção ».

O missionario Du Tertre, na sua « Hist. Génér. des Antilles hab. par les français », narra o mesmo caso.

C de Rochefort, « Hist. Nat. et Morale des iles Antilles de l'Amerique », informa que o caraiba desempenha o seu papel de *parturiente* durante 40 dias e a mulher fica durante esse tempo considerada impura, tanto que, se o marido não dispõe de outra choupana para deitar-se, separa sua rede da della por meio de uma esteira »

S. Chomburgh assegura que o caraiba durante o seu puerperio não toma banho, não pega em armas. bebe agua morna, come somente um pão denominado *cassave*, feito pelos parentes, e não se pode coçar senão com a nervura da folha da palmeira *cucurrit*.

Qualquer infracção destes preceitos occasiona a morte da creança. Dobritzhoffer, vendo os Albipones fazerem estas doudices, disse: — « Eu tinha ouvido falar nesse costume mas o julguei pilheria, não crendo na possibilidade de tal loucura, que suppunha creada somente para rir. Entretanto eu o vi com os meus olhos entre os Albipones ».

No Brazil o caso se passava identicamente. Maurel, em uma communicação feita em 1886, á sociedade de Anthropologia de Pariz, declarou tel-o encontrado nas tribus do Amazonas.

Fernão Cardim, na obra « Do Principio e Origem dos Indios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimonias, consignou a seguinte narrativa: — « As mulheres parindo, e parem no xão, não levantam a creança, mas levanta-a o pae, ou alguma pessoa que tomam por seu compadre e na amizade ficam como os compadres entre os christãos; o pae lhe corta a vide com os dentes, ou com duas pedras dando com uma na outra; e logo se põe a jejuar até lhe cair o umbigo, que de ordinario vae até 8 dias, e até que lhe caia não deixa o jejum, e lhe caindo, se é macho lhe faz um arco com frexas e lhe o ata no punho da rêde, e no outro punho muitos molhos de ervas, que são os contrarios, que seu filho ha de matar e comer, e acabadas estas cerimonias fazem vinhos com que se alegram todos ».

Gabriel Soares de Souza, no « Trat. Descriptivo do Brasil» refere o seguinte dos tupinambás: — Quando estas indias entram em dores de parir não buscam parteiras, não se guardam do ar, nem fazem outras cerimonias, parem nos campos e em qualquer outra parte como uma alimaria; e em acabando de parir se vão ao rio ou fonte, onde se lavam e as creanças que parirem, e vêm se para a casa onde o marido se deita logo na rêde, onde está muito coberto, até que secca o umbigo da creança; em o qual logar visitam seus parentes e amigos, e lhe trazem presentes de comer e beber, e a mulher lhe faz muitos mimos, emquanto o marido está assim parido, o qual está muito empannado para que lhe não dê o ar; e dizem que se lhe der o

ar que fará muito nojo a creança, e que se erguerem e forem ao trabalho, que lhe morrerão os filhos, e elles ficarão doentes da barriga; e não ha quem lhes tire da cabeça que da parte da mãe não ha perigo, senão da sua; porque o filho lhe sahiu dos lombos, e que ellas não pôem de sua parte mais que terem guardado a semente no ventre onde se cria a creança».

Autores outros reportam-se á couvada brasileira.

*
*

Não é preciso mais para demonstrar a singular e notavel expansão de um facto á primeira vista pueril e insignificante. Donde proveio, que exprime a couvada?

A origem geographica, essa é de todo impossivel averiguar. Quanto a sua significação, innumeras são as hipotheses formuladas.

O missionario jesuita José Francisco Lafitau ligou-a ao peccado original e por elle a explicou.

Dobritzhoffer entende ser ella um acto de mêra loucura.

Ling Roth opina que se trata de magia emquanto Crawley affirma tratar-se de um ritual praticado contra a feitiçaria.

Chaho, indicado por Quatrefages, filia a couvada basca a uma lenda de Aitor e informa, que durante o exilio deste nas montanhas, sua mulher teve um filho.

Temendo ella pelos dias da creança, se esta ficasse em sua companhia só, a confiou ao marido e foi cuidar de obter o alimento da familia.

Os bascos repetiram e conservaram o acontecimento em lembrança da rude existencia daquelles seus maiores.

Mas Quatrefages julgou inacceitavel essa origem e preferiu ver no caso restos daquella barbaria, que fez do homem, do guerreiro tudo e da mulher nada.

A razão de Chaho evidentemente não serve por muito local. Não ha provas de que a couvada tenha

provindo das regiões dos Pyrineos habitadas pelos bascos, posto que se attribua áquelles povos a mais longinqua genealogia, havendo mesmo, quem os ligue aos constructores da torre de Babel e aos anti-diluvianos.

Tampouco aproveita a opinião de Quatrefages por imprecisa, vaga. Com diversa ordem de idéas surgiram Eduardo B. Tylor, Letourneau e outros.

Tylor achou ser a couvada um producto da lucta entre o patriarchado e o matriarchado. Acceitou que nas sociedades primitivas o parentesco era meramente materno, de sorte que o paterno já vem a ser um progresso da forma familiar. Ella exprimiria o proposito do pae demonstrar a ligação do seu sangue com o do filho e transmittir a este a energia demonstrada na sua voluntaria provação. Accentuou que em alguns paizes o pae teve de comprar o filho á mãe, e que em Poma o pae levantava o filho do chão certamente com a idéa de exhibir a sua paternidade.

Vem a proposito consignar, que John Lubbock, nas «Origines de la Civilisation», ed. franc. de 1881, pag. 14, conta que emRoma a adopção se realisava pelo symbolo de um partido simulado, sem o qual ella não ficava perfeita.

Letourneau, contemporaneo de Tylor, na «Evolution du Mariage et de la Famille» tambem admitte um estado primitivo em que a mulher dominava. Homens e mulheres pertenciam-se indifferentemente. As mulheres, porém, insurgiram-se contra isso e impuzeram uma especie de casamento em que o parentesco era exclusivamente materno. Depois, chegou a vez do homem dominar na familia, e essa intenção se vae manifestar na couvade onde elle ostenta os seus direitos paternos, substituindo a filiação feminina pela masculina. Seria, alem disto, a couvada forma originaria do nosso certificado de nascimento.

Paul Hermant, «La Couvade», no Boletim da Soc. Real Belga de Geographia, 1900, segue o parecer de Letourneau.

Paul Vinogradoff, na Enc. Britânica, V. jurisprudencia, Lubbock, Ch. Vérecque e outros concordam com aquelles autores.

Das versões expostas são estas ultimas as mais acreditadas e seguidas.

Entretanto, ellas me parecem mui transcendentaes para as condições de intelligencia e de meio, em que viviam os homens selvagens.

Num estado de precivilisação não parece acceitavel attribuir aos individuos idéas abstractas precisas de direito e regime familiar. Como poderia preoccupar ao homem aspero e feroz das selvas o proposito juridico-social determinado de estabelecer um vinculo ideal entre elle e o seu descendente?

O progresso deu ao homem, para guial-o no amor aos filhos, razões sociaes importantes, sobretudo de ordem moral, e o desvestiu das exterioridades rudes da barbaria.

Nos selvagens, porem, para os quaes essas razões não existiam, deveriam actuar, apenas como dominantes affectivos os instinctos naturaes, especialmente o de conservação da especie, que leva os proprios animaes a tratarem com desvelo os seus rebentos.

E' facto indisputavel que no homem inculto imperam tanto mais os instinctos quanto mais proximo elle se encontra do estado de natureza inicial.

Lembro as palavras de E. Heckel, « Les Enigmes de l'Univers — « a differença psychica entre, os mais grosseiros dos homens incultos, no mais baixo grau, e o homem civilisado mais completo no mais alto grau da escala, é colossal, muito maior do que se admitte geralmente ».

Não devemos, pois, emprestar aos que se encontram no grau infimo da escala social predicados dos que se acham no cimo.

As razões, segundo os informes atraz expendidos, que eram dadas pelos executores da couvada revelavam intuitos puramente materiaes, de nenhum modo elevados como os de ordem moral e juridica.

Accrescento que Lubbock assegurou julgarem os caraibas, que lhes morreriam os filhos recemnas-

cidos se não praticassem a couvada, e as creanças adquiririam todos os defeitos dos animaes, de cuja carne, porventura, elles se alimentassem durante o preceito.

São deste jaez todos os motivos colhidos *in loco*.

Pondo, portanto as cousas nos seus logares proprios, é de convir que o instincto forte do amor á especie bastaria para fundamentar o extremoso trato do filho feito na couvada pelo pae. Nem deve parecer muito estranho que ao homem ficasse a incumbencia, porque é frequente ver-se nas especies animaes, o macho substituir a femea na guarda do filho tenro.

Para restringir-me á minha propria observação, cito o seguinte exemplo: — Um meu filho possue um pequeno pombal e nelle vejo os pombos partilharem com as suas mulheres a guarda dos ovos e dos borrachos. A femea, em geral, choca até o meio dia e dahi em deante o macho a substitue.

A vida dos selvagens offerece analogias frequentes com a dos animaes, e quem interpreta a couvada dizendo que *o pae sentia e revelava a necessidade de estabelecer os seus direitos paternos por actos palpaveis, estabelecendo de maneira peremtoria, indiscutivel que a creatura era tanto do seu sangue quanto do sangue de sua mãe, e que, por conseguinte, seus direitos eram os mesmos que os de sua mulher* (*Ch. Verecque, pg. 113*), confére áquella gente bruta uma inadequada mentalidade, e se revela capaz de fazer igual imputação áquelles innocentes pombinhos. Por outro lado, se se attender ao caracter supersticioso e mystico dos homens não civilisados, não admira que elles cerquem de extravagancias, puerilidades e abusões um facto, cuja necessidade irrefreavel de cumprir a natureza lhes impunha. Não sómente os animaes se desvelam pelos filhos quando estes são nascidos, porque o homem e a mulher cultos inda revelam esse desvelo e votam aos seus pimpolhos affectos extremos e inexcediveis precauções, que vão afrouxando a medida que o filho cresce.

Que fórma então, poderia assumir esse pendor insopitavel, que não fosse selvatica, como o rustico praticante da couvada ?

Não é razoavel, portanto, invocar symbolos juridicos e ficções moraes em desaccordo com circumstancias e propositos confessados para explicar aquillo, que tão naturalmente se pode comprehender dentro das leis naturaes de tempo, de meio e de condição.

Se o pae não executasse com fidelidade todos aquelles preceitos, a creança morreria. . . . . .

Nesta glosa que a ignorancia fez da injuncção physiologica, vae a unica verdadeira razão externa do cerimonial o motivo porque elle se manteve e espalhou, Foi preciso cercar o recemnascido de cuidados especiaes fortes e efficazes como a força que impelle os paes aos filhos recentes, e o impressionismo grosseiro dos homens creou o rito simplorio. Se elle não fosse cumprido, a creança pereceria, pois faltar a impulso tão premente só poderia gerar, na mente rustica, resultado contrario maximo. E' tambem, plausivel que a mesma causa agindo sobre ambos os paes indusisse o mais forte a acceitar o encargo de velar o filho e proteger-lhe a debilidade, porque assim as cautelas se tornavam mais efficientes e mais seguro o amparc contra possiveis perigos.

Taes gentes davam um prestigio illimitado á força physica, unica, em verdade que conheciam. Em tudo isto, porém, não ha logar para qualquer idéa definida de filiação, nem de estado familiar.

E' logico que o homem civilisado busque a genese das suas idéas e instituições nas instituições e idéas dos seus remotos antecessores, mas não é curial explicar por motivos peculiares á civilização factos e costumes barbaros.

As formas sociaes, especialmente as familiares de então eram producto de factos complexos, não de uma idéa predeterminada do phenomeno resultante, do desejo de attingir certo escopo elevado.

São innumeras as especies de animaes monogamos, de organização social definida, etc., sem que

isto se deva attribuir a um acto intelligente, a uma consciente determinação. No Brasil os incolas eram em regra monogamos; só por excepção, sendo os maridos ricos ou poderosos, podiam ter mais de uma mulher; a descendencia regulava-se pela paternidade (Rocha Pombo. Hist. do Brasil, ed. do Centenario pag. 66, 70 e 71).

Tratando, porém, dos tupinambás, o senador J Catunda, nos «Estudos de Hist. do Ceará» .asse gurou que elles não conheciam a familia na acce pção em que o termo é tido nas sociedades huma nas; eram polygamos, volviam-se aquem da esphera de toda manifestação espiritual effectiva; seus usos e costumes só revelavam a animalidade; nenhum recato davam ás relações sexuaes; os paes nenhum amor tinham aos filhos e as mães apenas sentiam por elles amor instinctivo.

Pois não só nos do typo mais avançado como entre os tupinambás a couvada era feita a rigor, — o que demonstra nada ter ella com as formas familiares dos seus executores. Na verdade, entre um povo monogamo, que observa o parentesco pela linha paterna, a couvada definida por Tylor e Letournean seria uma inutilidade; entre os que desconhecem toda a forma familiar, não amam os filhos e não possuem a noção do parentesco, a mesma couvada tambem seria uma inutilidade. Entre estes é evidente, que nenhuma cerimonia poderia ter o elevado escopo de firmar por um gesto publico e solemne qualquer direito superior de concepção abstracta.

Entretanto Catunda tambem relata: — «pariam as cunhãs tupinambás como as alimarias do campo, onde quer que sentissem as dores e apenas acabavam de dar á luz se iam meter nagua com o filho. O marido, porém, mettia-se na rede e tomava grandes precauções para não estuporar; ali visitavam-no os conhecidos, levavam-lhe comer e beber e não se levantavam emquanto não seccava o umbigo do *calumim*.»

E note-se que a couvada brasileira era, na opinião de Schuller, uma das mais caracteristicas.

Este autor emittiu as seguintes sensatas ponderações em face das varias interpretações, que já resumimos: — «Não obstante intervenção de tantos sabios que tentaram interpretar a significação deste phenomeno, estamos longe ainda duma solução satisfactoria da questão.

De todas as theorias formuladas a respeito, são mais ou menos hipotheticas umas e inacceitaveis outras. — «Uma rigorosa explicação phisiologica deste phenomeno, como em razão observa o sr. Hermant, necessitaria certamente uma sèrie de documentos ethnographicos exactos e recolhidos por homens que estejam ao corrente dos problemas sociologicos, e provenientes sobretudo da Sul America, onde encontravam-se os casos de couvada mais caracteristicos».

Sem duvida, assim é, e antes que a luz se faça completa preferimos a concepção mais simples e natural do facto.

*
* *

Só os povos de igual mentalidade e estado social poderiam acceitar a singular novidade. Mas, admittido o meu pensar, que na couvada o elemento determinante é puramente interno, inherente á condição animal, logo se explica a sua facil receptibilidade e expansão. Ha em cada habitante das selvas um poder gerador dos acontecimentos, immanente áquelle estado de natureza inda não controlado por acquisições sociaes, que espera, apenas, o estimulo externo. Esse estimulo era o exemplo.

A despeito do pensar de P. Vinogradoff (Encyc. Brit., V. Jurisprudencia), que entende não ter sido a couvada reproduzida de caso em caso, sómente pela imitação se comprehende a sua quasi universal existencia.

Se não se conhece uma causa especifica em condições de por si só produzil-a sempre igualmente aqui, ali e alêm, entre povos distanciados e heterogeneos, como os da Groenlandia, do Brasil e do Turkestão Chinês, só um proposito imitativo ope-

rando em ambiente apropriado esclarece o problema de sua multiplicidade.

Pelo conceito em que se deve ter o selvagem não é licito crêr, que outro facto além da observação visual o levasse a repetir a complicada obra.

Gerada esporadicamente, ella se foi naturalmente repetindo e modificando segundo as condições ethnographicas de cada povo, que a apropriava, até chegar á sua forma complexa e final observada entre os bascos e os americanos. (1)

Harmonisa-se tudo isto com a excellente explanação de G. Tarde, em « Les Transformations du Droit » — Não ha uma semelhança no universo que não tenha por causa uma destas tres grandes formas, superpostas ou entrelaçadas, da repetição universal: — a ondulação para os phenomenos physicos, a hereditariedade para os phenomenos vivos, a imitação para os phenomenos sociaes propriamente ditos. E' claro que é preciso ter conta dos tres e não sómente do ultimo para dar uma explicação completa das analogias apresentadas pelo mundo social, que nasce do mundo vivo e se move no meio physico.

Falar, orar, trabalhar, guerrear, fazer qualquer obra social é repetir o que se aprende de alguem, que o aprendera com outros, e assim de seguida até os primeiros editores de cada uma das raizes verbaes, que se transmittem identicamente de bocca em bocca ha milhares de annos, como as ondulações luminosas ou sonoras de atomo a atomo, — ou até aos primeiros autores de cada rito, de cada forma de trabalho, de cada maneira de guerrear, de esgrimir, de manobrar, de cada ardil estrategico, que passam de homem a homem durante tempos mais ou menos longos.

---

(1) Os autores indicam varias formas de couvada incompleta, rudimentar.

*
* *

Mas, se se pode conjecturar com probabilidade de acerto os motivos iniciaes da couvada e sua expansão no velho mundo, como justificar, que os incolas das americas barbaras fizessem precisamente a mesma cousa vista por Strabão e Apollonio de Rhodes ?

Imaginar para os povos do Novo Mundo a producção espontanea daquelle mesmissimo ceremonial parece um excesso, uma infracção do razoavel. Mais consentaneo com a razão é crer que elles tambem agiram imitando a usança de povos alienigenas. Então, houve, evidentemente uma imigração precólombiana para as terras Americanas.

Isso, todavia, não desfaz a hypothese de uma raça prehistorica autocthone, mas consolida a noção generalisada de que phenicios, ou outros povos, habitaram em épocas remotas ao nosso continente trazendo-nos idéas, costumes, e causas de além mar.

Como quer que seja, se a couvada é uma notavel curiosidade social nos velhos continentes, na America, além daquelle aspecto, ella assume proporções de verdadeiro problema ethnographico, que os entendidos devem estudar com attenção e carinho.

Fortaleza, Maio, 1928.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de Cultura